

**Narrativas de vida no vídeo musical *A Little Work*:
processos de rememoração e ressignificação de si da cantora Fergie**

*Narratives of life in the music video A Little Work:
processes of remembrance and resignification of the singer Fergie's self*

Maurício João VIEIRA FILHO¹

Resumo

Tendo em vista os diferentes espaços em que as vidas são tematizadas, este artigo objetiva entender como a narrativa de vida autobiográfica constitui processos de rememoração e ressignificação de si na produção audiovisual de *A Little Work*, da cantora Fergie. Parte-se da versão do videoclipe em formato de curta-metragem disponibilizado na plataforma *YouTube*, como objeto, e mobilizam-se, como procedimentos teórico-metodológicos, processos de rememoração, ressignificação de si e a vida como relato. Deste gesto, constata-se que Fergie, mesmo não sendo a diretora do vídeo, é ideóloga de sua própria vida na narrativa, trazendo à memória novos sentidos as suas experiências, a partir de uma tentativa de ordenar os episódios convocados em seu relato.

Palavras-chave: Narrativa de vida. Rememoração. *A Little Work*.

Abstract

In view of the different spaces in which lives are themed, this article aims to understand how the narrative of autobiographical life constitutes processes of remembrance and resignification of the self in the audiovisual production of *A Little Work*, by the singer Fergie. It starts with the version of the video in a short film format made available on the *YouTube* platform, as an object, and mobilizes, as theoretical-methodological procedures, processes of remembrance, resignification of self and life as a report. From this gesture, Fergie can be seen, even though she is not a director of the video, she is an ideologue of her own life in the narrative, bringing to memory new meanings for her experiences, from an attempt to order those summoned in her report.

Keywords: Life narrative. Memory. *A Little Work*.

Introdução

As narrativas objetivam contar ações e expor situações reais ou ficcionais, pontuando o que ocorreu, com quem, quando, onde, como e o porquê aconteceu tal ato.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Programa de Bolsas de Pós-graduação (PBPG / UFJF). E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com

Logo, pode-se notar que são organizações discursivas, que se manifestam em diversos códigos semiológicos — áudios, imagens, vídeos, textos ou a combinação deles — e gêneros discursivos — cartas, crônicas, diários, reportagens... A estruturação, baseada em um esquema de encadeamentos entre sujeitos, ações e circunstâncias de acontecimentos, é escolhida pelo sujeito salientando, de forma que se pretenda ser inteligível, o que deseja contar e o que esconderá de seu relato. Para tanto, tem em vista o contexto em que está acontecendo a narração, seus interlocutores, os imaginários compartilhados, suas intenções, as restrições e as estratégias discursivas. Ocorrem resgates e rememorações das ações, encadeando-as e relacionando-as, dando sentido ao que está contando. Em suma, são discursos estruturados para revelar uma sucessão de acontecimentos.

Contemporaneamente, muitas narrativas centram-se no eu, ou seja, na vida do sujeito, por meio da lógica da autoexibição, autenticidade, coerência e explicação das coisas do mundo. Como Sibilía (2016) e Arfuch (2010) denotam, as narrativas do eu se voltam ao compartilhamento da intimidade e extrapolam para mais espaços, como em programas televisivos, *reality shows* e outros meios comunicacionais. À vista disso e tendo como embasamento pesquisadores e pesquisadoras desta área, como Machado (2016) e Procópio (2016), entendemos o ato de um sujeito contar para outrem um momento vivido como narrativa de vida.

Salienta-se que, pensando nos gêneros discursivos, novos modelos estão evidenciando as narrativas de vida hoje. Os espaços canônicos considerados âmbitos consagrados de (auto)biografias se expandiram e hibridizaram. Dessa forma, a dimensão da vida passa ser exposta em outros suportes midiáticos mediante novas configurações. Nota-se, ainda, que as vidas continuam a ser contadas nos meios canônicos, como livros de biografias, autobiografias, memórias, diários, cartas, porém também são apresentadas em entrevistas midiáticas, documentários, programas de televisão, por exemplo, os formatos *talk show* e *reality show*, e nas redes sociais (ARFUCH, 2010). Enfim, o ato de contar a vida ganha palco nas mais variadas produções, situações e linguagens.

Diante dos novos ambientes que oportunizam lugares para narração de si, músicas e videoclipes organizam possibilidades para construir uma representação autobiográfica de fragmentos importantes da vida do/da cantor/a por meio da arte. Neste artigo, a partir

do videoclipe da canção *A Little Work*², da cantora norte-americana Fergie, em formato curta-metragem, objetiva-se entender como a narrativa de vida autobiográfica constitui processos de rememoração e ressignificação de si na produção. Procuramos, então, relacionar como a memória é acionada pela cantora e como acontecem revelações de processos de autorreconhecimento em sua narrativa de vida.

Primeiramente, foi lançada a versão longa do clipe (curta-metragem). Posteriormente, foi divulgada uma versão reduzida apenas à música, na qual são suprimidas narrações de relatos autobiográficos. Antes de apresentarmos a divisão deste trabalho, cabe fazer uma breve historicização, que será continuada em seguida, para ser compreensível o contexto de criação da música e de seu vídeo. Após mais de uma década sem lançar um álbum solo, Fergie, ex-integrante da banda *Black Eyed Peas*, divulgou publicamente seu segundo disco em 22 de setembro de 2017, contendo 13 faixas musicais, intitulado *Double Dutchess*. A *duquesa do pop*, como ficou conhecida a partir de 2006 com o lançamento do primeiro álbum solo *The Dutchess*, afirmou em entrevista ao veículo de comunicação *WWD* (2017) que seu retorno ao cenário musical com *Double Dutchess* expressava a dualidade de sua personalidade. Sobre a quinta música do cd, *A Little Work*, a cantora escolheu o diretor sueco Jonas Åkerlund, famoso por comandar produções de artistas do cenário pop como Madonna, Beyoncé e Britney Spears, para guiar o vídeo. Ela disse, para o portal *iHeart*, que “[e]screver ‘A Little Work’ veio realmente de forma natural porque era quase como meditação. Eu estava em puro silêncio e ouvia aqueles sussurros interiores que você tão sutilmente ouve quando tudo fica quieto (...)” (IHEART, 2017, online, tradução nossa³). Com essa breve afirmação, já se percebe, de antemão, que a letra da música se refere à própria cantora, portanto, tem um caráter autobiográfico e marcadamente pessoal. Contudo, pondera-se que a colaboração com Jonas Åkerlund é constituinte na criação do vídeo, inserindo tendências do cenário musical, intercalando o vídeo com depoimentos da cantora e ficcionalizações de modo a articular a letra da canção, as interpretações e performances com a história de vida de Fergie, bem como com as expectativas dos fãs pelo retorno musical da cantora.

² *A Little Work* pode ser acessada no *YouTube*. Disponível em: <https://youtu.be/wILW31IXlh4>. Acesso em: 9 maio 2021. Além desta plataforma, é possível assistir no site de Fergie, em: <http://www.fergie.com/video>. Acesso em: 9 maio 2021.

³ Original: “Writing ‘A Little Work’ came really naturally because it was almost like meditation. I was in pure silence and I was listening to those inner whispers that you so subtly hear when everything gets quiet”.

Cabe destacar que os videoclipes são estratégias fundamentais para circulação de uma música. Concordamos com Janotti Júnior e Soares (2008, p. 94) que, em diálogo com outros pesquisadores, explicitaram uma das funções basilares desta produção, sendo que “(...) o videoclipe ‘vende’ a canção. E ele é, também, responsável por a canção estar ‘nos olhos’ dos artistas, da gravadora e do público”. Além desta característica, os estudiosos apontam a ligação da música pop com componentes comerciais midiáticos que objetivam alcançar uma grande audiência. Acrescentamos também que, hoje, com a reverberação das plataformas de *streaming* torna-se imprescindível estabelecer um diálogo entre a música, o clipe e a plataforma em que está hospedada, haja vista a expansão de públicos e possibilidades de acesso ao material. Isso quer dizer que, além de todo o percurso de divulgação por rádios, por exemplo, atualmente, lançar a música no *Spotify*, *Deezer*, *Amazon Music* e tantos outros espaços musicais é necessário para que se chegue a mais pessoas, como também desenvolver um vídeo para ilustrar a letra da canção que será postado no *YouTube*. Essas características dialogam com as lógicas mercadológicas que compõe essas plataformas.

Perscrutar a cultura pop proporciona adentrar por diferentes debates no campo de estudos da Comunicação, como também entrecruzar outros conhecimentos das ciências humanas e sociais, como lembra Almeida (2020), o que representa interdisciplinaridade e avanços para o conhecimento. Aqui, entrelaçam-se discussões oriundas da Linguística e da Comunicação para poder apreender como a narrativa de vida é um fenômeno discursivo que tematiza questões singulares e coletivas, além de estar em diferentes configurações atuais.

O artigo segue, inicialmente, avançando pela exposição da canção, seja sua letra e seu clipe; adiante, pelos estudos que pautam a reconfiguração de si como processos de identificação e reconhecimento fundamentais para as narrativas autobiográficas. Para costurar esse caminho, tensionam-se momentos do vídeo com as perspectivas teóricas, visto que garantem considerações para este percurso.

A Little Work: produção autobiográfica e narrativa de vida

Em 25 de setembro de 2017, no *YouTube*, o curta-metragem (ou *short film*, como é descrito no título) foi publicado. Com 11min33s, a produção audiovisual intercalou música, relatos autobiográficos de Fergie e interpretações, de tal modo que conseguimos

notar seis partes: primeiro momento, no qual Fergie recorda sobre algumas alucinações e surtos que teve devido ao uso de droga; segundo, em que relembra suas anotações em diários sobre este período de vida; terceiro, ao rememorar uma guerra que travou consigo; quarto, a importância de seu avô; quinto, o auge da crise causada pelo consumo de droga, em que pensava estar sendo perseguida; por fim, a superação, em cujo desfecho aparece a palavra “revelation”, em português, revelação (FERGIE, 2017, 11min31s). Pela letra da canção não é possível afirmar que o problema enfrentado por ela é relacionado a drogas, contudo, torna-se possível atestar pelos elementos dispostos no vídeo e por entrevistas pgressas da cantora que disse que suas batalhas eram relacionadas aos entorpecentes (FERGIE, 2017b).

Como um gesto para expor lutas internas e construir um percurso de reconfiguração de si, *A Little Work* é uma composição escrita pela cantora juntamente a outros colaboradores (FERGIE, 2017a) e a versão estendida de seu clipe representa, embora não seja dirigida por ela, uma trajetória autobiográfica, em que memórias são convocadas para recontar vivências. Nesse jogo de narração de si, a linguagem mobilizada é poética e, por isso, há uma preocupação com as palavras convocadas, tornando-se um recurso para contar suas histórias e tentar expressar seus sentimentos.

Embora não seja possível atestar que todos os episódios relatados por Fergie aconteceram exatamente nos modos pelos quais foram narrados, a letra da música é, de modo geral, escrita sob o foco da superação, da luta contra problemas pessoais e dores. Já a construção visual do vídeo se liga à canção, porém articula diferentes elementos audioverbovisuais para sua constituição. Mesmo que seja uma tentativa autobiográfica de revelar trechos da vida de Fergie, o clipe é dirigido por outra pessoa, que conduziu as ações, enquadramentos da câmera, roteiros e cenas, além de que há uma atuação de si neste curta-metragem, quer dizer, Fergie aparece diferentes vezes interpretando a si mesma, como em momentos de surtos consequentes ao uso de droga, enlutada pela morte do avô, como uma mulher amarrada em uma cama em meio à guerra, paciente, enfermeira, mãe de um bebê e, por fim, como ela mesma ao lado de seu filho. Quer dizer, há instantes em que ela tenta reviver situações de sua vida e outros que são descritos metaforicamente.

É interessante ressaltar, ainda, haja vista que a trajetória de vida é fundante para a produção musical da cantora, alguns detalhes sobre Fergie. Ela é estadunidense e trabalha como cantora, apresentadora de televisão, compositora, atriz e designer de moda. A

ascensão de sua carreira foi sendo integrante do grupo *Black Eyed Peas*, no qual permaneceu de 2003 até sair em 2017, sendo que, entre este período, lançou o primeiro cd solo (2006) que alcançou grande projeção mundial. Em *Double Dutchess*, foram preparados clipes para todas as canções, transformando o cd em álbum visual, disponibilizado no *YouTube*. Partilhando das discussões teóricas e analíticas de Sedeño-Valdellós (2016), apreendemos como álbum visual um modo específico de introduzir e impulsionar conteúdos na indústria musical, sendo que, para tal fim, utilizam-se videoclipes como estratégias comerciais. Neste formato de produção, vale-se da serialidade, transmidialidade, canais e códigos online, segundo a pesquisadora.

Aqui, destacamos apenas a faixa *A Little Work* que, atualmente, tem mais de 1,5 milhão de visualizações na plataforma⁴; já a versão compacta possui mais de 3,7 milhões de exibições⁵. Se comparada a outras produções audiovisuais lançadas pela cantora, esta tem um número consideravelmente menor de reproduções, o que pode representar baixa repercussão comercial e alcance de público com o álbum.

Para avançar nas discussões propriamente almejadas neste trabalho, deve-se, inicialmente, explicar que, para tensionarmos os conceitos, partimos do curta-metragem e da decupagem, que serviram como métodos para reflexão. Assim, os debates sobre memória, narrativa de vida e ressignificação de si são feitos a partir da análise do videoclipe.

Processos de rememoração

As pessoas e suas narrativas são fontes de conhecimento e instrumentos de pesquisa na área científica (ARFUCH, 2010), por exemplo, as entrevistas em profundidade usadas como procedimentos metodológicos em trabalhos acadêmicos, como também são de interesse midiático, explorando a intimidade e as vidas famosas e anônimas. Sobretudo, Lessa (2015), dialogando com as reflexões de Leonor Arfuch, propõe que se deve considerar que os relatos biográficos não precisam ser analisados como estatutos de verdade imediatos, visto que são construções discursivas em que o *eu* está se (re)significando e rememorando acontecimentos. Nesse ponto, salienta-se que o

⁴ Essa métrica é referente ao acesso em 13 maio 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wILW31IXlh4>.

⁵ Acesso na mesma data anterior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yQCNO0-EeDE>.

eu atual, que está narrando e que vivenciou aquilo, está reconstruindo e interpretando vivências do passado, ou seja, existe um distanciamento entre o *eu atual* e o *eu que viveu aquilo*, haja vista que interpretamos o passado a partir das condições de presente e das projeções de futuro. Dessa maneira, precisa-se pontuar também que, partindo da premissa de que esse *eu* vivenciou o acontecimento, agora ele está trazendo uma autorreflexão sobre aquilo, acionando valorações e julgamentos, expondo determinadas partes, ocultando e camuflando outras e podendo acrescentar determinadas ações não existentes anteriormente com a finalidade de causar um efeito patêmico ou de convencimento em seu interlocutor. Narrar esse passado pelos traços da experiência é dar inteligibilidade a esse tempo através da rememoração dos acontecimentos, ou seja, somos convocados pelo tempo a lembrar, sendo este ato uma ação e um alongamento no tempo (RICOEUR, 1994).

Nos gêneros autobiográficos, o *eu* representa a si e a sua vida através de um ato estético e ético, afirma Lessa (2015) na esteira de Bakhtin. São utilizados mecanismos de autoavaliação e avaliação de outrem, seguindo referências ética e valorativas pertencentes ao outro (alteridade/axiológico) que comporão sua consciência e determinarão sua visão de mundo, influenciando a narração da própria vida e o processo de ativar a memória, interligando-a ao seu contexto, aos valores sociais, espaciais e temporais.

Quando o sujeito se lembra, ele parte de ideias gerais, da visão de mundo e de seu sistema axiológico que o determina no presente; é todo esse aparato avaliativo, esses acentos valorativos, como diz Bakhtin, que guiam a reconstrução do passado pelo sujeito (LESSA, 2015, p. 169).

Tais fatores devem ser pontuados, sobretudo, nos seis momentos de reflexão de si marcados no curta com os depoimentos de Fergie (2017b). O eu atual, que aparece dando seu depoimento ou, por vezes, apenas com o uso da voz em *off* acompanhando as cenas, reflete sobre seu eu anterior. De acordo com Lessa (2015), pode-se entender que Fergie, enquanto é entrevistada e ao longo da produção do vídeo, retrata e faz ponderações sobre seu passado, expondo determinadas partes, como os momentos de dificuldades causados pela adição, de dores com a morte do avô e de suplantar os obstáculos de sua vida agora com reconhecimento da música e da família.

A questão familiar é marcada tanto no começo quanto no fim do curta. Fergie evoca o avô ao dizer “Meu avô, sempre pensei que ele fosse meu anjo da guarda (...)”

(FERGIE, 2017, 6min56s-6min58s, tradução nossa⁶) e continua “(...) E então eu pensei que ele estava me guiando, me dizendo para onde ir, na boa direção. Você tem que honrar essa parte de si mesmo e se deixar voar, se deixar voar” (FERGIE, 2017, 7min03s-7min-18s, tradução nossa⁷). O avô representa significativa presença da família no processo de construção de si na rememoração. Percebe-se a confluência de outras pessoas nos seguintes trechos que finalizam suas lembranças e valorações.

Mas quando eu honro meu verdadeiro eu, e eu honro aquela parte de mim que é aquela mágica, é quando estou naquele lugar que posso chamar de feliz. Posso alimentar esse amor externamente, não apenas para amigos, meus pais e minha irmã, e agora para meu marido e meu filho (FERGIE, 2017, 11min-11min30s, tradução nossa⁸).

Essas ponderações marcam a importância dos valores de membros familiares para a vida de Fergie e para narrar sua própria vida. Ao realizar a autobiografia, indica-se que seu discurso traz marcas axiológicas externas, de vivências e de seu contexto. Ao selecionar determinados fragmentos de sua vida, há uma escolha e organização sobre fatos de si para composição da narrativa. Ao escolher pontuar certos momentos, a cantora sinaliza para a construção de um fio condutor que visa a constituir uma unidade em um intervalo de sua vida. Assim, com intenções de *revelar*, palavra evidenciada no último instante do vídeo (11min31s), Fergie rememora seu passado e recorda trechos para alcançar o objetivo da música e do curta-metragem.

Como visto no diálogo entre Lessa (2015) e Arfuch (2010), não podemos tomar como “absoluta” verdade o que é apresentado, pois se trata de avivamento de lembranças que podem ou não coincidir com o que realmente a pessoa viveu, mas também por estarmos discorrendo sobre um curta-metragem relacionado a uma música. A linguagem articulada ali traz elementos poéticos, estéticos e simbólicos que permitem uma fruição pela imaginação e pela criatividade.

E ao considerar essa perspectiva, é importante enfatizar que as interpretações de si feitas pela cantora são para aludir aos relatos e dar sentidos a eles, ainda assim são

⁶ Original: “My grandfather, I always thought he was my guardian angel”.

⁷ Original: “And so I thought that he was leading me, telling me where to go, in the good direction. You gotta honor that part of yourself and let yourself fly, let yourself soar.”

⁸ Original: “But when I honor my true self, and I honor that part of me that is that magic, that's when I am at that place that I can call happy. I can feed that love outward, not only to friends and to my parents and to my sister, and now to my husband and to my little boy”.

modos de representar sua história. Logo, não se pode tomá-los como provas oficiais de suas vivências. Por outro lado, na tentativa de convencer os espectadores e, de certo modo, tocá-los emocionalmente, há intercalações das cenas com os depoimentos narrados, momentos de performances e outros em que o *off* sobrepõe a parte do vídeo, como mostrados nas figuras a seguir.

Figura 1 – Captura de tela de um dos trechos do depoimento de Fergie



Fonte: YouTube (FERGIE, 2017, 3min35s)

Entendemos que a opção pela neutralidade das cores e o foco apenas no rosto constitui uma estratégia imagética para não desviar a atenção do espectador, que deverá permanecer com o olhar atento às demais cenas. A escolha pela captura da imagem em preto e branco também acontece nos momentos de reviver os sintomas e delírios percorrendo ruas e ao entrar em uma igreja, que, segundo Fergie (2017b, 1min34s-2min), foi um espaço essencial para mudança. “Comecei a percorrer os diferentes corredores e comecei a orar. Eu vi o altar e entrei em pânico. Eu, eu, eu pensei: “É isso. Eles estão todos lá fora. É isso. É isso. Este é o momento”⁹.

⁹ Original: “I started going through the different aisles and started to pray. I saw the altar, and panicked. I, I, I thought, “This is it. They're all out there. That's it. This is it. This is the moment”.

Figura 2 – Captura de tela em que Fergie está interpretado e o *off* sobrepõe a filmagem



Fonte: YouTube (FERGIE, 2017, 40s)

A coloração do vídeo acontece nos outros cenários durante o vídeo e ganha evidência, sobretudo, durante o encerramento do curta-metragem, em que Fergie abre a porta da igreja e sai com seu filho, o que, simbolicamente, figura sua libertação.

Figura 3 – Captura de tela do instante em que a cantora abre a porta da igreja e as cores voltam



Fonte: YouTube (FERGIE, 2017, 10min41s)

Ressignificação de si

Pierre Bourdieu (2006) explora em seus estudos a resignificação de si, entendendo que a vida é uma história, na qual as vivências de uma existência individual e o ato de contá-las não são indissociáveis, ou seja, o processo de contar é a própria vida e é marcado por modos de percepção. Evidencia, ainda, que para ser o “ideólogo de sua própria vida” (BOURDIEU, 2006, p. 184), o sujeito seleciona determinados acontecimentos significativos, em que evidencia o que deseja expor, tendo em vista intenções, e conectando-os para ter coerência e unidade – fazer sentido. Para ele, o ideólogo de sua vida escolhe o que conta e tenta estabelecer elos para que sua narrativa

seja coerente. Para tanto, Bourdieu afirma que deve haver uma condição de cumplicidade para entender aquela vida. Segundo o sociólogo,

essa propensão a tornar-se o ideólogo da própria vida, selecionando em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido. (BOURDIEU, 2006, p. 184-185)

Constata-se, dessa forma, que os sujeitos cada vez mais espetacularizam suas intimidades, algo que tem se tornado habitual e rotineiro, mediante processos de estilização para se mostrar bem e evidenciar suas experiências (SIBILIA, 2016). Assim, esse *eu* – ideólogo de sua própria vida, como traz Bourdieu (2006) – se mostra não apenas um narrador, mas um protagonista. Então,

(...) o eu não se apresenta apenas ou principalmente como um narrador (...) de sua própria vida, (...) deverá se estilizar como um personagem das mídias audiovisuais em sua mais ágeis versões interativas, curando e editando sua imagem com a ajuda de uma bateria de habilidades e recursos. Esse personagem tende a atuar como se estivesse sempre diante de uma câmera, disposto a se exhibir em qualquer tela, mesmo que seja nos palcos mais banais da vida real. (SIBILIA, 2016, p. 81)

Vale dizer que tal ação, como vista contemporaneamente na cultura de massas e agora nos álbuns visuais, usa a espetacularização da intimidade. Essa estratégia pode ser vista como uma nova faceta da indústria musical para vender um produto. Fazendo uma analogia com base nas afirmações precedentes, Fergie é a ideóloga de sua própria vida e, para desenvolver uma narrativa coerente e encadeada de acontecimentos, selecionou o que julgou ser necessário para fazer sentido à música, à atuação no vídeo e ao curta-metragem. De tal modo, a cantora fez uma seleção de fatos marcantes em sua vida e não os trouxe em uma narrativa cronológica, ou seja, com uma sequência de acontecimentos ligados por uma lógica temporal, mas selecionou episódios que acredita ser importantes e os articulou. Assim, ela conta sobre as drogas e alucinações, seguido por um episódio no qual relembra a importância de suas anotações sobre este período, a guerra que enfrentou contra si, a morte do avô e o cuidado que tem com sua família. Notam-se transformações de experiência traumáticas em mercadoria na indústria musical.

Outro destaque para a ressignificação de si, como também um processo de acionar às memórias, são seus diários, que no clipe aparecem com diversas palavras escritas em paredes e pela representação de uma criança escrevendo, o que indica que esses relatos autobiográficos vinham desde sua infância.

Figura 4 – Captura de tela de um dos cenários que simbolizam as anotações dos diários



Fonte: YouTube (FERGIE, 2017, 3min25s)

Eu, eu tenho diários de tudo isso, e eu, eu me lembro de ter escrito para mim mesmo durante, você sabe, os períodos da minha vida. É assim que posso divulgar meus verdadeiros sentimentos, porque é difícil confiar em minha vida. Portanto, o papel estava sempre onde eu poderia emocionalmente chegar a essas, essas, essas fendas, esses pequenos cantos de sentimentos. Estou tão feliz por ter feito isso, porque pelo menos eu estava me checando. Pelo menos eu sabia que estava me tornando uma idiota (FERGIE, 2017, 3min20s-4min04s, tradução nossa¹⁰).

Este trecho dito pela cantora apresenta, como traz Lessa (2015), uma forma como o eu agora retoma seu eu antigo e traz valorações, outras interpretações e olhares. Se, hoje, Fergie qualifica aquele período como “uma idiota” é justamente pelo fato de ressignificar seu passado e perceber o quanto ele foi prejudicial em sua vida. No entanto, a cada releitura que ela fizer deste material tantas outras possibilidades de ressignificação poderão ser feitas, já que outras experiências também acontecerão. Como foi expresso no começo deste trabalho, um dos gêneros canônicos de autobiografia são os diários, suportes nos quais temos a possibilidade de escrever, rememorar e ressignificar nossas vivências, sendo possível exprimir por palavras, ou pelo menos tentar, ações do cotidiano, sem julgamentos diretos de outrem, haja vista que, em sua maioria, são anotações que

¹⁰ No original: “I, I have journals of it all, and I, I remember writing to myself throughout, you know, the periods of my life. That's how I can divulge my true feelings because it's been difficult to trust for me in my life. So the paper was always where I could emotionally get to those, those, those crevices, those little corners of feelings. I'm so glad I did it because at least I was checking in with myself. At least I knew that I was becoming a fuck-up”.

preservam seu caráter secreto. Do mesmo modo, como Lessa (2015) pontuou sobre as referências axiológicas de outras pessoas, isso ocorre na escrita de um diário e a todo momento, visto que, ao escrever, falar e agir, já seguimos uma curadoria tendo como base o que acreditamos e com a expectativa do que os outros poderão achar de nossas atitudes.

Apesar de buscarmos sempre uma unicidade em nossas narrativas de vida, para serem coerentes e totalizantes, o ato de relatar uma história é descontínuo. Porém, há mecanismos que buscam ser uma unidade ou um total do eu, como traz Bourdieu (2006). Nesta perspectiva, o sociólogo diz que o nome é um “designador rígido” que busca ser a totalização e unificação do eu, que institucionaliza identidade. O nome funciona ressignificando algumas práticas sociais, como um atestado de identidade através do espaço-tempo, o qual será utilizado em documentos de identificação que comprovarão ser você; mediante a assinatura desse nome pela pessoa; e garante a instituição de uma identidade social constante e durável, que assegurará a identidade do indivíduo em todas as suas histórias de vida possíveis.

Sendo assim, observa-se que essa institucionalização de uma identidade é algo observado em *A Little Work*, porém com outros modos e não necessariamente com Fergie dizendo seu nome. Por ser uma artista famosa mundialmente, não é necessário atestar sua identidade que já é conhecida. O nome de nascimento da cantora é Stacy Ann Ferguson, mas não é mais usado e nem oficial juridicamente, sendo que, atualmente, sua assinatura é Fergie. Cabe salientar que o sobrenome Ferguson (6min31s) aparece em uma placa no uniforme de um personagem que representa seu avô, uma das figuras notórias em seus relatos autobiográficos. Portanto, a identidade pelo sobrenome da família é usada como um unificador importante.

Considerações finais

“Sobre o palco, a imagem. A cantora. Uma voz. Uma dança. Uma biografia. Um corpo que se encena norteadado pela noção de clichê. Uma cantora é uma espécie de fantasma de inúmeras outras cantoras” (SOARES, 2020, p. 25). O papel desempenhado por uma cantora pop vai muito além de sua música, transcende as dimensões do sucesso e consegue alcançar outras histórias de vidas sejam pelas semelhanças, empatias, ligações e distinções. Em *A Little Work*, as experiências pessoais de Fergie se entrelaçam por diferentes caminhos com seus fãs e consigo. No entanto, por mais pessoal que seja, a

produção constitui uma estratégia comercial para alcançar destaque na indústria musical contemporânea.

Neste artigo, ao convocarmos as explicações sobre as lembranças (LESSA, 2015; ARFUCH, 2010) e resignificação de si (BOURDIEU, 2006; SIBILIA, 2016), identifica-se que a construção do curta-metragem mobilizou elementos estéticos, narrativos e simbólicos com vistas a ordenar e trazer um certo sentido a um momento conturbado na vida de Fergie. A cantora, ao lembrar episódios de sua vida e expô-los em cena, aciona sua memória, reinterpreta seu passado e faz escolhas sobre o que desejou enfatizar. As revelações de si, sobretudo pelo fato de ser uma artista mundialmente conhecida, tem um peso grande sobre o que foi evidenciado, sobretudo pela sua relação com a droga, ponto importante e já conhecido da biografia de Fergie. Por isso, conseguimos afirmar que foram feitas escolhas para a narração desse momento de sua existência. Optar pela linguagem poética, como a canção, ter um cuidado com as palavras escolhidas no relato, a locação dos cenários, os figurinos usados, as cores e as escritas nas imagens, tudo isso se articula em um gesto artístico e autobiográfico.

Fergie, portanto, torna-se ideóloga de sua própria vida (BOURDIEU, 2006) protagonizando os relatos e personificando as suas narrativas, mesmo não sendo a diretora da produção. A lembrança proporciona que o sujeito traga vivências de seu passado, resignificando-as e reinterpretando-as, isto é, o eu agora está dando um novo sentido ao que já aconteceu, tendo em vista o propósito daquela comunicação (LESSA, 2015). Durante todo tempo, os sujeitos estão se resignificando e se modificando mediante essas histórias e ao contá-las.

Referências

ALMEIDA, Gabriela. Por uma gramática feminina da música pop. *In*: SOARES, Thiago; LINS, Mariana; MANGABEIRA, Alan. **Divas Pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 11-14.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

FERGIE. A Little Work. *In*: FERGIE. **Double Dutchess**. New York: Dutchess Music/BMG. c2017a. 1 CD. Faixa 5 (4min05s).

FERGIE. Fergie. **A Little Work** [Short Film]. 2017b. 11min33s, son., color. Disponível em: <https://youtu.be/wILW31IXlh4>. Acesso em: 10 maio 2021.

IHEART. **Fergie on 'A Little Work' & Introspective Short Film | EXCLUSIVE**, 2017. Disponível em: <https://www.ihart.com/content/2017-12-08-fergie-on-a-little-work-introspective-short-film-exclusive>. Acesso em: 10 maio 2021.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder; SOARES, Thiago. **O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 15, p. 91-108, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1497/969>. Acesso em: 10 maio 2021.

LESSA, Claudio. A discursivização da memória em relatos autobiográficos de alunos da EJA. **Fólio: Revista de Letras, Conquista, Bahia**, v. 7, n. 1, p. 161-186, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/5741/5516>. Acesso em: 30 maio 2019.

MACHADO, Ida Lucia. A narrativa de vida vista como nova materialidade discursiva: algumas reflexões. In: MACHADO, Ida Lucia. **Reflexões sobre uma corrente da análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Coimbra, Portugal: Gracioso Editor, 2016. p. 79-108.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Caracterização do universo das narrativas biográficas sob uma perspectiva discursiva. In: MACHADO, Ida Lucia; SOUZA, Mônica Santos de. **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 299-326.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

SEDEÑO-VALDELLÓS, Ana María. El álbum visual como nueva forma promocional de la industria de la música: el caso de Let England Shake de PJ Harvey y Seamus Murphy. **Palabra Clave**, Bogotá, v. 19, n. 1, 2016, p. 105-132. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/649/64943974005.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOARES, Thiago. **Divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática**. In: SOARES, Thiago; LINS, Mariana; MANGABEIRA, Alan. *Divas Pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática*. Belo Horizont: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 25-42.

WWD. **With the Help of Carine Roitfeld, Fergie Returns to the Spotlight**, 2017. Disponível em: <https://wwd.com/eye/people/fergie-new-album-double-dutchess-carine-roitfeld-10995787/>. Acesso em: 10 maio 2021.